

A Linguística Geral hoje

General Linguistics Today

Filipe Almeida Gomes

Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais (PUC Minas)
Belo Horizonte | MG | BR
filipegomesl15@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7356-3128>

Gabriel de Ávila Othero

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS) | Porto Alegre | RS | BR
gabriel.othero@ufrgs.br
<https://orcid.org/0000-0002-2060-6312>

Valdir do Nascimento Flores

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS) | Porto Alegre | RS | BR
CNPq
vnf.ufrgs@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2676-3834>

Resumo: Este artigo destaca a relevância atual do debate sobre as possibilidades teórico-metodológicas da linguística geral — um campo dos estudos linguísticos que ganhou destaque no final do século XIX e se consolidou na primeira metade do século XX. Após um longo período de menor produção nesse domínio, observa-se, no século XXI, um renovado interesse por reflexões epistemológicas acerca do tema. Nesse contexto, o texto revisita aspectos históricos e conceituais da linguística geral, apresenta algumas das principais tendências contemporâneas da área e introduz os artigos que compõem a seção temática desta revista, dedicada à discussão atual desse campo no cenário da linguística brasileira.

Palavras-chave: Linguística geral; epistemologia da linguística; aspectos historiográficos da linguística.

Abstract: This article highlights the current relevance of the debate surrounding the theoretical and methodological possibilities of general linguistics - a field of linguistic studies that gained prominence in the late 19th century and became more established in the first half of the 20th century. After a long period of reduced scholarly production in this area, the 21st century has seen a renewed interest in epistemological reflections on the subject. In this context, the text revisits historical and conceptual aspects of general linguistics, outlines some of the field's contemporary trends, and introduces the articles that make up the thematic section of this journal, which is dedicated to the current state of this discussion within Brazilian linguistics.

Keywords: General linguistics, epistemology of linguistics, historiographical aspects of linguistics.



1 Sobre a linguística geral ontem e hoje

Tal como eu a compreendo, a linguística geral é a linguística que se interroga sobre si mesma, sobre sua definição, sobre seu objeto, sobre seu estatuto e sobre seus métodos. Trata-se, portanto, de uma interrogação incessante, que se desenvolve, que se renova, na medida em que a experiência do linguista se aprofunda e seu olhar se amplia.

(Émile Benveniste)

No decorrer do século XX, o sintagma “linguística geral” – e seus equivalentes em outras línguas – alcança notoriedade. Prova disso é o fato de que ele intitula diversos livros dos mais renomados linguistas. Em 1902, na Itália, surge o trabalho *Estética como ciência da expressão e linguística geral*, de Benedetto Croce. Em 1916, na Suíça, vem a público o afamado *Curso de linguística geral*, atribuído a Ferdinand de Saussure. Na França, em 1921, aparece a obra *Linguística histórica e linguística geral*, de Antoine Meillet. No Brasil, em 1942, é publicado o *Princípios de linguística geral*, de Joaquim Mattoso Câmara Jr. E, de volta à França, vê-se aparecer, em 1960, o trabalho *Elementos de linguística geral*, de André Martinet. Na Espanha, em 1961, publica-se a obra *Teoria da linguagem e linguística geral*, do linguista romeno Eugenio Coseriu. Novamente na França, é publicado, em 1963, o *Essais de linguistique générale*, de Roman Jakobson. No Reino Unido, aparece, em 1964, a primeira edição do livro *Linguística geral*, de Robert H. Robins. Na França, vem a público, em 1966, o primeiro volume de *Problemas de linguística geral*, de Émile Benveniste. Na Itália, em 1973, surge o trabalho *Lições de linguística geral*, de Coseriu. E, finalmente, na França, em 1974, aparece o segundo volume de *Problemas de linguística geral*, de Benveniste.

De fato, esses exemplos confirmam a notoriedade do sintagma “linguística geral”. Porém, mais do que isso, eles nos colocam frente a uma inescapável questão: o que se designa por meio da expressão “linguística geral”?

Colombat, Fournier e Puech (2017), em *Uma história das ideias linguísticas*, demonstram interesse em compreender o conceito expresso pelo sintagma “linguística geral”. Segundo esses autores, é possível identificar três diferentes acepções para a expressão “linguística geral” (cf. Colombat, Fournier, Puech, 2017, p. 234-240).

Na primeira acepção, a linguística geral é tomada como sendo, ao mesmo tempo, uma reflexão metodológica e uma proposição de um conjunto de princípios, ambas com vistas a possibilitar a descrição das línguas em sua diversidade. É essa compreensão de linguística geral – aparentemente, um trabalho de base dedutiva – que os autores observam como proposta por Saussure (1916) e, antes disso, como subjacente ao trabalho de Victor Henry (1896). Na segunda acepção, a linguística geral é tomada como sendo a generalização dos resultados propiciados pelas linguísticas particulares. É essa compreensão de linguística geral – aparentemente, um trabalho de base indutiva – que os autores observam como proposta por Meillet. Finalmente, em uma terceira acepção, a linguística geral é tomada como sendo, de diferentes maneiras, o conjunto de observações interdisciplinares a respeito da linguagem. É essa compreensão que Colombat, Fournier e Puech (2017) atribuem a Walter Benjamin e, com alguma especificidade, a Gabriel de Tarde.

A essa altura, certamente poderíamos recordar o trabalho epistemológico de Martin (2003, p. 75), para quem “a linguística geral [...] se situa por natureza na universalidade, para além das línguas singulares”. Ao que acrescenta: “a linguística geral postula a existência de uma função universal, chamada linguagem, que permite à nossa espécie dar formas a pensamentos e comunicá-los: as línguas são apenas realizações particulares da linguagem” (Martin, 2003, p. 75). Nessa esteira, encontra-se também Haspelmath (2021, p. 2), para quem a linguística geral deve ser “baseada em universais da linguagem” ou, dito de outro modo, “a linguística geral tem um sentido não ambíguo (o estudo da linguagem humana como uma capacidade dos humanos, ou como um atributo geral da espécie humana)”.¹

Entretanto, o que realmente chama atenção é o fato de que a primeira acepção mencionada por Colombat, Fournier e Puech (2017) – isto é, o entendimento de que a expressão “linguística geral” designa, a um só tempo, uma reflexão metodológica e uma proposição de um conjunto de princípios – assemelha-se ao que a linguista Claudine Normand (2000, p. 467) já assumia como “generalidade teórica dos princípios” – ou seja, uma linguística preocupada em conhecer e esclarecer seus próprios fundamentos filosóficos. Não por acaso, Henry (1896) e Saussure (1916) são os exemplos tanto de Normand (2000) quanto de Colombat, Fournier e Puech (2017).

Ora, esse conjunto de considerações parece justificar o entendimento de que – em relação à generalidade teórica dos princípios (Normand, 2000) e em relação à reflexão metodológica articulada à proposição de um conjunto de princípios (Colombat; Fournier; Puech, 2017) – a linguística geral é, antes de tudo, uma linguística dos fundamentos. Nesse sentido, então, parece muito adequada a definição apresentada por Émile Benveniste: “tal como eu a compreendo, a linguística geral é a linguística que se interroga sobre si mesma, sobre sua definição, sobre seu objeto, sobre seu estatuto e sobre seus métodos” (Benveniste, 2014, p. 90). E mais: “trata-se, portanto, de uma interrogação incessante, que se desenvolve, que se renova, na medida em que a experiência do linguista se aprofunda e seu olhar se amplia” (Benveniste, 2014, p. 90).²

Diante desse entendimento, soa um tanto claro que, independentemente do grau de consciência que tem o linguista acerca de seu fazer, a linguística geral é uma condição para qualquer linguística específica. Quer dizer, quando se questionam princípios desde o interior do próprio sistema questionado, quando se reformulam conceitos, quando se especificam métodos, o que se está fazendo é, antes de tudo, linguística geral.

Com efeito, como sugerido por Gomes (2024), ao se considerar o movimento de crítica das ciências – “crítica” no sentido kantiano, isto é, no sentido de “investigação dos fundamentos” –, a expressão “linguística geral” não é a única movimentada para lidar com a tema em questão. Quando se tem em mente, na investigação da linguagem e das línguas, a generalidade teórica dos princípios (Normand, 2000) ou, se se quiser, a reflexão metodológica articulada à proposição de um conjunto de princípios (Colombat; Fournier; Puech, 2017), ainda outras expressões entram em cena, com destaque para o sintagma “filosofia da linguística” – utilizado por Bouquet (2004) e, no Brasil, por Borges Neto (2004) – e para a expressão “epistemologia da linguística” – usada por Normand (2011) e Flores; Othero (2023, 2024). É

¹ “The study of human languages as a capacity of humans, ou as a general attribute of the human species”.

² “C’est donc une interrogation sans fin, qui se développe, qui se renouvelle à mesure que l’expérience du linguiste s’approfondit et que son regard s’entend.” (Benveniste, 2012, p. 60).

justamente por isso que Bouquet (2004) elabora o seguinte comentário, a respeito da obra de Saussure, que nos convém trazer *in extenso*:

de um lado, na esteira da expressão *filosofia da história*, generalizam-se no século XIX as etiquetas “filosofia de...”, atribuídas às teorias dos princípios fundamentais de uma disciplina – *filosofia da botânica*, *filosofia da química*, *filosofia da arte da guerra*, assim como *filosofia da gramática* etc. Por outro lado, o movimento da crítica das ciências, que começou nos anos 1870 e estava a pleno vapor na virada do século, conferiu um novo valor à locução *filosofia das ciências* – um valor que logo se cristalizou no termo *epistemologia* –, de maneira que as diversas “filosofias de...”, como dissessem respeito a disciplinas científicas, tornaram-se, virtualmente pelo menos, a declinação de uma teoria unificada. Segundo esse duplo paradigma, verifica-se que a expressão *filosofia da linguística* empregada por Saussure é candidata a significar aquilo que se entende hoje por *epistemologia da linguística*. De fato, essa interpretação está de acordo, em parte, com o conteúdo da reflexão saussuriana. (Bouquet, 2004, p. 77-78).

Assim, a despeito do que se poderia considerar um eclipse do sintagma “linguística geral”, o fato é que a linguística geral – ou “epistemologia da linguística” ou, ainda, “filosofia da linguística” – continua presente nos estudos linguísticos; ao seu redor, ainda gravitam discussões de grande monta, que reafirmam sua vitalidade e sua importância. E é isso que se pode observar nos trabalhos recolhidos nesta seção temática. A motivação que nos impulsionou a propô-la está ligada à crença que temos na contemporaneidade do tema para a reflexão epistemológica da linguística como campo do saber que se quer distinto de outros que também se dedicam à linguagem humana. Façamos um pouco sobre essa contemporaneidade.

2 O que há de novo no campo da linguística geral?

Para responder a essa questão, é necessário considerar o que Haspelmath (2020) descreve como “o paradoxo da linguística geral”, que se refere à ideia de que, embora desejemos estudar a linguagem humana em sua totalidade, só podemos observar enunciados específicos de línguas particulares. Haspelmath apresenta uma solução para esse paradoxo no interior de sua reflexão; no entanto, não é essa solução que nos interessa aqui e, sim, o paradoxo em si, o qual, segundo pensamos, deve ser sempre mantido como uma espécie de advertência, de alerta, para qualquer reflexão nesse campo (a esse respeito, ver também a discussão de Labov, 1987, em seu texto “Some Observations on the Foundation of Linguistics”).

Nesse sentido, é justo admitir que há uma atualidade plural dos estudos em linguística geral (cf. Flores; Othero, 2024). Ora, embora o campo tenha uma longa tradição, o fato é que ele tem sido recentemente visto sob novas e distintas perspectivas, o que torna prematuro estabelecer limites rígidos para os tipos de pesquisa que podem ser realizados.³ Assim, sugerimos, por enquanto, três ou quatro possíveis direções de investigação.

A primeira delas está profundamente enraizada na tradição da linguística e possui um caráter filosófico e epistemológico. Nesse caso, busca-se reduzir a diversidade dos conheci-

³ Veja um pouco dessa pluralidade de perspectivas na edição n. 14, de março de 2010, da Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL (www.revel.inf.br), cujo tema foi “História e Filosofia da Linguística”.

tos concretos das línguas humanas a um número limitado de princípios fundamentais. A linguística geral seria, então, uma descrição abrangente desses princípios gerais (cf. Flores; Othero, 2023), que servirão para fundamentar o entendimento das línguas e da capacidade linguística.

A segunda linha de pesquisa concentra-se em uma característica intrínseca das línguas: a variação e a mudança. O estudo dos mecanismos que explicam como a variação e a mudança ocorrem nas línguas (sem perder o aspecto universal que subjaz às estruturas das mais diversas línguas) pode, sem dúvida, constituir um importante campo de investigação da linguística geral (cf. Rizzi, 2021).

A terceira abordagem para compreender a linguística geral está relacionada ao estudo dos universais da linguagem humana (cf. Haspelmath 2020; Martin 2003). No entanto, a aparente simplicidade dessa ideia esconde a complexidade do próprio conceito de “universais”, que podem ser definidos de várias maneiras (formais, funcionais, semânticos, tipológicos, antropológicos, biológicos, conceituais, entre outros). Essas diferentes abordagens dependem do quadro teórico adotado e do que é considerado relevante para integrar esse conceito.

Uma última via poderia vir da ideia de que há problemas gerais de linguística (Flores, 2019, p. 20-21), quer dizer, “‘problemas’ com os quais todas as perspectivas teóricas do heterogêneo campo linguístico têm de se importar”; ou ainda, “temas transversais” que estariam presentes em toda a reflexão linguística (aquisição, dissolução, variação etc.). Esses “problemas”, embora ensejem respostas localizadas no interior de quadros teóricos específicos, atravessam a linguística como campo.

Na mesma direção dessas possibilidades ou em outras direções, encontramos também os trabalhos que compõem esta seção temática, que atestam a fecundidade da área no Brasil. Passemos a eles.

3 Sobre os trabalhos desta seção temática

Os trabalhos apresentados nesta seção temática versam sobre quadros linguísticos influentes na segunda metade do século XX e na contemporaneidade. Vejamos.

No artigo **A linguística de Émile Benveniste: dos particulares às propriedades gerais e ao universal**, a autora Sara L. Hoff apresenta o resultado de sua pesquisa sobre “a reflexão linguística de Émile Benveniste, considerando especificamente a relação estabelecida entre as particularidades de cada língua, as características gerais que as unem e o universal da presença do homem na língua e na linguagem”. A autora mostra que “a linguística benvenistiana compreende uma atenção conjunta ao universal, às propriedades gerais das línguas e aos sistemas linguísticos particulares”.

Na sequência, temos o artigo **A linguística geral de Émile Benveniste**, de autoria de Paula Avila Nunes. O artigo explora o caráter de Émile Benveniste como linguista geral. Ela mostra que “a enunciação seria uma via de acesso a uma proposta de linguística geral que aparece de forma programática ao longo de sua obra”.

No artigo **Jakobson, um linguista da enunciação, mas de qual enunciação estamos falando?: Uma investigação em linguística geral**, as autoras Silvana Silva e Isabela Barbosa Rêgo Barros discutem as contribuições das investigações linguísticas do linguista Roman Jakobson. Segundo as autoras, “Jakobson propõe uma linguística geral ao revelar uma interlo-

cução contínua e crítica com outros campos do saber, ao trazer conceitos operadores gerais para explicar problemas práticos de linguagem e ao fazer da linguística uma ciência da significação”.

No texto **Uma reflexão sobre a linguística geral e o aspecto vocal**, Raphaela Machado Monteiro Chittolina apresenta uma “reflexão sobre o aspecto vocal para a linguística geral”. Partindo de um ponto de vista da linguística enunciativa, a autora discute trabalhos que investigam o aspecto vocal em linguística.

Finalmente, fechando esta seção temática, o leitor tem acesso ao texto **From the fortress of ideas to the house of cards of certainties: an epistemological essay on natural sciences and linguistics in modernity and postmodernity**, de Reiner Vinicius Perozzo e Felipe Flores Kupske. Nesse artigo, os autores discutem o “redirecionamento epistemológico que rege a linguística, a partir do qual as certezas mais sólidas e as verdades mais contundentes podem sofrer abalos expressivos (...)”. Os autores mostram a influência da pós-modernidade “sobre a maneira como vislumbramos a linguística atualmente: um paradigma que presume a descrição, a análise e a explicação dos fatos linguísticos à luz da Teoria da Complexidade”, apresentando “uma visão alternativa para o estudo da linguagem, baseada na pós-modernidade e em seu construto teórico”.

Referências

BENVENISTE, É. *Últimas aulas no Collège de France (1968-1969)*. Tradução de Daniel Costa da Silva *et al.* São Paulo: Editora UNESP, 2014.

BENVENISTE, É. *Dernières leçons: Collège de France 1968 et 1969*. Paris : EHESS/Gallimard/Seuil, 2012.

BORGES NETO, J. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola, 2004.

BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. Tradução de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004 [1997].

COLOMBAT, B; FOURNIER, J-M; PUECH, C. *Uma história das ideias linguísticas*. Tradução de Jacqueline Léon e Marli Quadros Leite. São Paulo: Contexto, 2017.

FLORES, V. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

FLORES, V.; OTHERO, G. Várias linguísticas, uma epistemologia da linguística. In: OTHERO, G.; FLORES, V. (orgs.). *A linguística hoje: múltiplos domínios*. São Paulo: Contexto, 2023. p. 07-17.

FLORES, V.; OTHERO, G.. Linguística geral. In: OTHERO, G.; FLORES, V. (orgs.). *A linguística hoje: historicidade e generalidade*. São Paulo: Contexto, 2024. p. 105-119.

GOMES, F.. Valentin N. Volóchinov: um filósofo da ciência da linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 66, n. 00, p. e024006, 2024. DOI: 10.20396/cel.v66i00.8675803.

HASPELMATH, M. General linguistics must be based on universals (or non-conventional aspects of language). *Theoretical Linguistics*, v. 47, n. 1-2, p. 1-31, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1515/tl-2021-2002>.

LABOV, W. *Some Observations on the Foundation of Linguistics*. Manuscrito não publicado, 1987.

MARTIN, R. *Para entender a linguística: epistemologia elementar de uma disciplina*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

NORMAND, C. La généralité des principes. In: AUROUX, Sylvain. (Dir.). *Histoire des idées linguistiques*. Tome 3: L'hégémonie du comparatisme. Sprimont: Mardaga, 2000, p. 463-472.

NORMAND, C. Saussure: uma epistemologia da linguística. Tradução de Daniel Costa da Silva. In: SILVEIRA, Eliane. (ed.). *As bordas da linguagem*. Edufu: Uberlândia, 2011, p. 11-30.

RIZZI, L. *Complexité des structures linguistiques, simplicité des mécanismes du langage*. Paris: Fayard, 2021.